



## SITUAÇÃO FÍSICA, SOCIAL E FAMILIAL DAS CENTENÁRIAS<sup>1</sup>

Zilmar Alverita da Silva<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho noticia a situação física, social e familiar das “velhas mais velhas”, as centenárias, “essa ‘nova’ população meio desconhecida”. Mas, como as idosas centenárias coabitam com as suas filhas – geralmente a filha caçula – também envelhecidas e são cuidadas por elas, o texto versa sobre ambas – as idosas “jovens”, as filhas, e as velhas mais velhas, as mães – mostrando como as famílias longevas estão se articulando para cuidar das muito idosas, pois, como afirma Clarice Peixoto, “na ausência do Estado, é a família que conta”. É no seio desta que encontramos pouco, ou quase nenhum, apoio masculino e uma “solidariedade feminina intergeracional”, o que aponta para alguns conflitos entre os sexos e também entre as gerações. Trata-se, portanto, de um estudo inicial sobre famílias longevas, com enfoque nas relações intergeracionais.*

**Palavras-chave:** Velhice; Gênero; Família

### INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade multigeracional e num país que não é mais ‘um país de jovens’. A população idosa, crescente no Brasil e no mundo, está cada vez mais visível nos movimentos políticos, nas atividades de “Terceira Idade” (clubes, faculdades...), no mercado de trabalho (formal, mas sobretudo informal) na mídia jornalística e televisiva, inclusive, as centenárias, apesar da marginalidade no campo teórico.

Este fenômeno do envelhecimento foi propiciado pelo progresso da Medicina, pela melhoria nos serviços da saúde pública e das políticas sociais da velhice que, apesar da sua precariedade, promoveram o prolongamento da vida de modo que, no Brasil, atualmente, 9,1% da população tem mais de 60 anos, ou seja, é considerada, oficialmente, idosa. No Rio, a capital com maior concentração de idosos do país, 12,3 % da população tem idade igual ou superior a 60 anos.<sup>2</sup>

O segmento idoso cresceu muito e os idosos estão vivendo tanto que, atualmente, constitui-se em um grupo visivelmente heterogêneo: formado por dois sub – grupos: os idosos “jovens”, comumente conhecidos como “terceira idade” e os velhos “mais velhos” ou “quarta idade”. E não são raros os casos em que estes coabitam com aqueles.

Neste texto nos propomos a noticiar a situação física, social e familiar das velhas mais velhas, as centenárias, pois, apesar do envelhecimento populacional ter sido tema corrente nas pesquisas das Ciências Sociais, pouco – ou quase nada – se sabe sobre elas. Os estudos sobre o fenômeno do envelhecimento ainda se limita ao primeiro grupo, ou seja, ao segmento menos velho, mais dinâmico e visível.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de duas importantes experiências: uma no Projeto “Os velhos mais velhos” e a outra no Projeto “Relações entre as gerações: Pais e filhos idosos”, ambos apoiados pelo CNPq e pelo PIBIC/UFBA coordenado pela professora Alda Britto da Motta, pesquisadora vinculada ao NEIM/UFBA.

\* Estudante do Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA.  
[zifirina@yahoo.com.br](mailto:zifirina@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Peixoto, 2004.



Sobre os idosos “mais jovens”, com idade entre 60 e 75 anos, a bibliografia é bastante ampla e consegue contemplar os múltiplos aspectos da velhice: “a sociabilidade, as relações entre as gerações, as transmissões materiais e afetivas, o asilamento, entre outros.” (PEIXOTO, 2004)

Já sobre os velhos mais velhos, com idade acima de 75 anos, sobretudo os centenários, temos as três páginas do livro *A Velhice* de Simone de Beauvoir (1970) sobre as centenárias francesas, o capítulo *Muito Além dos 60* de Ana Camarano (1999) e referências de pesquisa em *Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional* de Alda Motta (2004) que já vem, há algum tempo, apontando para a necessidade e urgência de “estudos e pesquisas sobre essa ‘nova’ população meio desconhecida.” (BRITTO da MOTTA, 2000)

Apesar de ter as centenárias como questão central sobre a qual versaremos, estaremos nos reportando, também, às idosas “jovens”, por entendermos que é difícil falar daquelas sem uma análise sobre estas, pois ambas coabitam na mesma unidade doméstica. E mesmo possuindo muitas pesquisas sobre o segmento idoso mais dinâmico, os estudos sobre as relações entre pais idosos e seus filhos, também envelhecidos, são, ainda, escassos, sendo Alda Motta, através do Projeto mencionado em nota de rodapé, uma pioneira.

## SITUAÇÃO FÍSICA DAS CENTENÁRIAS

Fisicamente as idosas centenárias apresentam alguns problemas comuns, mas as diferenças existem. Como trabalhamos com centenárias com idades distintas, a situação física é também bastante diferente. A maioria das idosas tem entre 100 e 101 anos, mas temos casos de 104, 107, 111 e, a mais velha, 124 anos. Duas faleceram logo após a entrevista: a mais velha e uma das de 100 anos.

Algumas estão bem fisicamente, locomovem-se com facilidade e, por isso mesmo, conseguem manter uma certa autonomia com relação à família. É o caso da Sra. Guta, 101 anos, que, apesar de enxergar apenas de um olho e ter se submetido a duas cirurgias, fica sozinha em casa pelo menos 6 horas diárias:

“Eu praticamente, de quatro horas pra quatro e meia (das 16 às 16:30h) ela [filha] sai de casa para trabalhar porque ela trabalha à noite, e eu fico aqui, nunca estou sozinha, estou sempre com Deus; aí eu fecho o portão, passo o cadeado e fico aqui até 10:30 ou 10:45 h (22:30 ou 22:45)... Graças a Deus nunca me aconteceu nada...”.

Ela também desenvolve alguns trabalhos domésticos: “Eu não fico parada não; eu ainda trabalho... eu botei um marcapasso e o médico não quer que eu pegue ferro elétrico... mas lavar a minha roupinha eu lavo...” e “molho minhas plantinhas”.

De modo muito semelhante a Sra. Adelina, 101 anos, alegre, risonha e muito disposta, faz questão de preparar seu próprio alimento; faz enormes colchas de crochê e flores de papel de seda para enfeitar o apartamento onde mora. Interrogada sobre sua rotina cotidiana, respondeu vivamente: “Costurando. Faço mingau, faço café, faço comida, me deito. Vou à janela...” e depois, num outro momento disse: “O crochê é minha distração, minha filha; quando eu não quero, eu arrei lá e vou me deitar. Eu sou quem manda na minha vontade. Faço o que eu quero.”



Outras, com um pouco mais de dificuldades para se movimentar, mas utilizando-se de um andador, muleta ou cadeira de rodas, têm menos autonomia, e o desejo de poder andar novamente está sempre presente. “O que eu queria era poder andar, me movimentar dentro de casa, no elevador, ir ao carro, preciso sempre de um acompanhante.” (Dona Jô, 108 anos, usuária de cadeira de rodas). Poucos são os casos de muita dependência, em que necessitam de ajuda para todas as atividades cotidianas, como tomar banho e alimentar-se.

Algumas escutam através de aparelhos, outras ouvem muito mal e há casos em que a interação familiar e social é bastante comprometida em função da deficiência auditiva. Há um caso de cegueira total, um caso de perda de um olho, mas o mais comum é o uso de óculos.

A grande maioria goza de boa memória e preza muito isso. São dispostas, mesmo as muito idosas; há vários casos em que ainda desempenham alguma ou várias atividades, como preparar seu próprio alimento, fazer crochê, tocar violão e fazer algumas atividades domésticas, como molhar as plantas, lavar “umas roupinhas” ou secar os talheres. Encontramos algumas queixas da velhice porque “você fica velho e lhe doi tudo. Aparece tudo na velhice” (Dona Adelina, 101 anos).

Mas também encontramos vários depoimentos demonstrativos de uma vontade enorme de trabalhar. Vejamos alguns:

“Tenho vontade de fazer tudo nesse mundo, de trabalhar... Ah meu Deus, se eu pudesse trabalhar! (Risos)” (Dona Olinda, 102 anos)

“Eu tenho, não para ganhar dinheiro, mas eu tenho vontade... [de fazer] qualquer coisa que os outros façam e que eu não posso fazer. Eu tenho vontade de fazer porque atrapalha tudo, a idade, né? Os olhos, eu não tenho boa visão, já não ouço direito, já não ando; eu estou assim [na cadeira de rodas] e não posso fazer nada.” (Dona Jô, 108 anos)

“Eu não faço nada... quero fazer as coisas e não posso. Quando eu era moça eu queria e fazia; agora, quero, mas não posso” e um outro momento desabafou: “Que importância eu tenho hoje? Tudo é os outros que tem que fazer, lavar, passar e eu aqui sentada. Na mocidade era aqui, acolá, fazia uma coisa, fazia outra. Hoje, não, é só aqui.” (Dona Lina, 124 anos)

Apesar da idade avançada, não encontramos, entre as centenárias, nenhum caso de necessidade de cuidados específicos, com ajuda de um profissional da área de saúde; o banho é dado pela filha, com apoio, ou não, de uma outra pessoa, parente ou responsável pelos serviços domésticos. Algumas utilizam fraldas geriátricas, o que facilita o trabalho da filha, o que nem sempre é bem visto pelas usuárias.

Pelas dificuldades próprias da idade e por precisar de algum tipo de ajuda, todas as centenárias coabitam com algum parente: encontramos apenas um caso de participação masculina nesses cuidados, dois casos onde as netas cuidam da avó e, o mais comum, os casos em que as filhas, principalmente as idosas mais “jovens”, com idade entre 60 e 75 anos, acolhem a mãe em seu domicílio, ajudada, ou não, pelas outras irmãs.



## SITUAÇÃO SOCIAL DAS CENTENÁRIAS

A situação social das centenárias é determinada por vários fatores, entre estes, sua trajetória de vida, sua condição física, sua condição econômica e o local em que mora. Portanto vivem situações bastante diferentes.

As mais afetadas pela pobreza, negras – moradoras do interior do estado, onde as condições de vida são mais difíceis e as políticas sociais da velhice são ainda mais precárias – vivem muito mal, ou sobrevivem, e a família, também empobrecida, não tem como lhe promover uma velhice digna, sem um amplo apoio do Estado. Estão fisicamente mais debilitadas que as da capital, com a mesma idade e, por isso mesmo, pela surdez e imobilidade física, vivem um pouco isoladas com relação à comunidade e com pequena integração familiar. Saem de casa apenas para ir ao médico e, raramente, à missa.

Já as centenárias da capital do Estado vivem em situação um pouco melhor porque, apesar dos baixos proventos, contam com alguma ajuda financeira de pelo menos um membro da família, com renda razoável, têm um plano de saúde e interação mais com outras gerações, seja no âmbito doméstico, recebendo visitas ou participando das festas religiosas, seja nas animadas festas de aniversário, nas quais reúnem membros da família, como filhos(as), genros/noras, netos(as), bisnetos(as) e até tataranetos(as), amigos e vizinhos e, também, seus médicos, geriatras e cardiologistas. Cantam e dançam. Tiram fotos.

Recebem muitas visitas, sobretudo aos domingos; são muito procuradas por jornalistas, por pesquisadores, como nós, e são bastante receptivas; por várias vezes, recebemos convites para “aparecer quando quiser”, dizem gostar da nossa “prosa”, o que nem sempre ocorre com as filhas das centenárias.

A sociabilidade das muito idosas acontece mais no âmbito doméstico, sobretudo para as que já não se deslocam com facilidade ou utilizam cadeira de roda, não porque elas não gostem de sair, mas porque se sentem incomodando e dando “trabalho”. Como informa a animada Sra. Jô, 108 anos, que sempre gostou de festas, adora cantar e tocar violão: “Eu raramente posso sair, casas que têm escadas... eu não posso e dou trabalho porque tem que tirar da cadeira e botar no carro, essa coisa toda; eu às vezes até deixo de sair. Essas formaturas... eu nunca quero ir porque fico aborrecida. É um trabalho me carregar, me levar... são poucas as festas que eu vou...”.

Já que a mãe não pode sair de casa para se divertir, as filhas vão para o apartamento e lá se divertem conjuntamente, como relata a Sra. Lena, 69 anos:

“as vezes vem uma irmã, vem uma cunhada... às vezes as pessoas vão pra lá [quarto] ‘venha cá pra gente conversar’; quando a minha irmã vem pra cá [Salvador], ela vem e fica aqui direto; às vezes as outras irmãs reclamam e ela diz ‘não, eu vim para ficar com mãe’ ... fica aqui e toca violão com ela porque ali [a mãe] é animada e ela [a irmã] também é muito animada...”

Talvez por isso mesmo, por ser animada e gostar de companhia, a Sra. Jô nunca desejou morar sozinha e atualmente, mesmo morando com a filha e o genro e tendo as filhas sempre em casa, visitando-a, queixa-se de solidão:

“Fico sempre no quarto. De manhã eu venho para o café aqui [sala] até meio dia. Aí almoço e vou para o quarto e deito; aí eu sinto muita solidão, viu? Eu sinto porque ela precisa sair e eu fico com a moça; a moça fica trabalhando lá dentro e ela é muito calada. Eu digo ‘você não canta, nem nada’”.



Em um outro momento revela:

“Deus que me livre de morar sozinha. Eu acho pouco essa daqui [a filha] e as outras sempre vêm aqui... Dia de domingo uma vem, dia de sábado vem e dorme, passam o dia aqui; assim eu já acho que estou isolada!”

Cantar e pedir para “colocar uma música para zuar” (Sra. Ana Maria, 100 anos, na certidão, mas diz ter 107 anos) são formas de superar a “paradeira” própria do espaço doméstico, vazio e silencioso em determinados horários do dia, principalmente quando a família está ausente. Quase todas disseram gostar “de casa cheia”. Sra. Olinda, 104 anos, disse que “só gosta da casa... com bastante barulho”; segundo sua filha caçula, no último São João, a família se reuniu em casa para festejar e Sra Olinda só foi dormir às 2 horas da manhã.

Para as que conseguem caminhar sozinhas, a sociabilidade extrafamiliar é mais fácil e mais freqüente. Sra. Guta, 101 anos, diz, animada: “de vez em quando eu saio com ele [um dos filhos] e com Mercês [a filha]; de vez em quando ele me leva para almoçar”. Dona Adelina, 101 anos, costuma fazer visitas: “Quando eles querem me levar eu vou. Gosto de ir ver o meu sobrinho... sempre visito os meus sobrinhos.”

## **A SITUAÇÃO FAMILIAR DAS CENTENÁRIAS QUANDO AS FILHAS OU UMA FILHA CUIDAM DA CENTENÁRIA**

O tamanho da família com as quais trabalhamos é bastante variado, mas predomina as famílias extensas, com muitas gerações. Encontramos 4 casos com 4 gerações e 4 casos com 5 gerações. São, portanto, famílias multigeracionais e longevas.

Na ausência do Estado e diante das dificuldades de cuidar das mães muito idosas, as famílias precisam se articular. Encontramos vários casos em que as filhas caçulas cuidam da mãe, algumas com algum tipo de apoio, como, por exemplo, o irmão que tem carro é responsável por levar a mãe ao médico ou para passear, ou ainda, paga o plano de saúde, enfim. Há casos em que a filha caçula é a única responsável por todo o trabalho.

Quanto mais dependente a centenária, mais a família precisa se unir para dividir as tarefas. Quando isso não ocorre, o que seria uma relação prazerosa e interessante, torna-se um “peso” para apenas um membro da família; se a família possuir uma renda pequena e não tiver condições de pagar uma pessoa para ajudar, a relação entre mãe e filha e entre as irmãs torna-se conflituosa. E as renúncias recaem sobre uma única pessoa. Como desabafa a Sra. Lena, 69 anos, casada, com quem a mãe mora há mais de 7 anos:

“... às vezes quero ir à missa e não posso... Que vontade eu tenho de sair uma noite, jantar fora, isso tudo eu tenho vontade de fazer... de ir num restaurante, de ir numa casa de dança, num lugar qualquer, mas eu não posso...”. Em um outro momento da entrevista revela: “Antigamente eu ficava numa irritação horrível porque eu ficava dentro de casa, agora, não, porque eu já me acostumei...”

Além das renúncias, por participar sozinha dos afazeres com a mãe, Sra. Lena também é a única responsável por todas as despesas: “às vezes a gente diz assim... ‘fulano compre um remédio ali pra mãe’, aí compram e trazem a nota ou então pedem o dinheiro, quer dizer, mãe está aqui e eu sou responsável por tudo... mas eu acho que as outras deveriam cooperar...”



Renúncias, despesas e... cobranças. O pior é que, mesmo não ajudando em nada, as irmãs ainda se acham no direito de cobrar: "... eu tenho queixas delas porque elas não estão aqui, elas não dão assistência... mas chega aqui procurando defeitos, procurando erros... às vezes fala com a outra e a outra fala comigo e isso me incomoda um pouco porque eu sei que eu dou o melhor de mim pra ela..." (Sra. Lena, 69 anos).

As cenas de ciúmes também são frequentes. A mãe tem ciúmes da filha que, segundo ela, após o segundo casamento, mudou a relação com ela, acusa-a de não ter mais tempo pra ela, de não consultá-la antes de fazer as coisas e reclama, dizendo que não manda mais em nada. Mas a filha também tem ciúmes da mãe com as outras irmãs: "Ela faz festa com a chegada das outras, mas não liga pra mim".

Em uma outra família, onde encontramos muito apoio entre as irmãs, uma coisa curiosa se revelou para nós: percebemos a existência de um "esquema de rodízio", ao qual a mãe idosa tem que se submeter, mesmo contra a sua vontade. A filha caçula, Sra. Aline, 73 anos, viúva, também bastante dinâmica, tem mais liberdade que Lena para sair com as amigas. Quando a mãe não está sob sua responsabilidade, aproveita para fazer o que mais gosta:

"Quando mãe não está aqui comigo, dificilmente você me encontraria em casa; adoro uma rua, gosto de praia... uma mariscada... quando chegar o verão, ela [a mãe] já está lá pela casa da minha irmã, eu vou dar uma mariscada boa..."

Mas esta solidariedade existente nesta família se dá somente entre as mulheres; os dois filhos homens, um com 60 e o outro com 63 anos, não dão nenhum apoio à mãe, nem mesmo financeiro. Um "só aparece no aniversário da mãe"; o outro raramente, faz visitas.

## **QUANDO AS NETAS E SOBRINHOS CUIDAM DA CENTENÁRIA**

Encontramos 3 casos em que a centenária está sob os cuidados das netas (2 casos) e de um sobrinho (1 caso). Os motivos que justificam tal fenômeno é a inexistência de filhas (em 2 casos) ou inaptidão das filhas, já bastante envelhecidas, para cuidar da centenária. Em todos os casos, a idosa centenária mantinha uma relação maternal tipo avó/mãe e tia/mãe.

Encontramos, em dois destes três casos, muita solidariedade entre as netas e entre os sobrinhos, pelos menos entre alguns, que contribuem pagando o plano de saúde ou acolhendo a avó em seu domicílio. Encontramos, uma dessas famílias, aquele "esquema de rodízio" comentado anteriormente só que, neste caso, a centenária escolhe quando quer ir ficar com uma ou a outra neta.

## **À MANEIRA DE CONCLUSÕES**

A situação física, social e familiar das centenárias não é homogênea, varia de acordo com sua trajetória de vida, condição de classe, condição racial e do local em que vivem. Portanto vivem situações bastante diferentes e que devem ser analisadas de modo diferente.

Por limitações de saúde ou não, todas as centenárias entrevistadas residem com algum parente – filhas, netas e sobrinho –, são viúvas e são "figuras menos centrais na família do que os 'idosos jovens'" (BRITTO da MOTTA, 2000). Quase todas pertencem a famílias com 4 ou 5 gerações.



São cuidadas geralmente pelas filhas, sem apoio dos filhos, inclusive apoio financeiro; nos casos em que apenas uma das filhas se responsabiliza pelo cuidado com a mãe, observamos que pelo menos as visitas das outras filhas são constantes, o que não ocorre com os filhos homens, que raramente aparecem. Quando há falta de apoio de todos os membros da família e a responsabilidade é integral para apenas uma pessoa, as renúncias são muitas. Há casos de ciúmes, cobranças e muitos conflitos.

Contrariando as preconceituosas representações da velhice, que associam idade avançada à dependência e inatividade, as centenárias estão, apesar da muita idade, muito dispostas, animadas e trabalhando. Deixaram de fazer determinados serviços, mas se mantêm em outros, pelo menos as mais jovens.

A sociabilidade acontece sobretudo no âmbito doméstico, mas, para algumas, os passeios e almoço com filhos e netos acontecem esporadicamente. As festas de aniversário das centenárias reúnem as muitas gerações existentes na família, um fenômeno novo, típico da sociedade longeva contemporânea.

Estudando as relações entre as gerações, percebemos que, ao contrário do que se diz, a Instituição Família não está em crise, os laços familiares estão ainda muito fortes.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (Edição original, 1970).

BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. In: Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 19., 1994, Niterói. (Publicado em LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org.) **Velhice ou terceira idade?** (Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política). Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998;.

\_\_\_\_\_. Reinventando fases: a família do idoso. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, jul./dez. 1998. p.13-21. Dossiê: Gênero e Família.

\_\_\_\_\_. Projeto “Os velhos mais velhos”, pelo CNPQ e PIBIC/UFBA. 2000.

\_\_\_\_\_. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: **Família e Envelhecimento**. Clarice Ehlers Peixoto (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia. (org.). Os Centenários. In: Muito além dos 60. **IPEA**, Rio de Janeiro, dez. 1999.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: **Família e Envelhecimento**. Clarice Ehlers Peixoto (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.